

Com seu bom humor típico, Ajahn Chah fala sobre o medo da morte e sobre o processo de envelhecimento.

Nesta gravação, Ajahn Chah conta sobre a ocasião em que ele mandou arrancar todos os dentes da boca e como o dentista havia se recusado a realizar o procedimento. O que ele não contou aqui é que a ordem que ele deu era para arrancar todos os dentes **sem anestesia** (não é à toa que o dentista ficou com medo). É dito que antes desse encontro o dentista sequer era budista, mas após ver Ajahn Chah arrancar todos os dentes sem anestesia, virou discípulo dele.

Muitos especulam se esse episódio não foi a causa para os problemas neurológicos que ele sofreu ao fim da vida e que acabaram por deixá-lo completamente paralisado. Mais tarde ele contou aos discípulos que não havia sentido dor pois estava em samādhi, mas que ainda assim estava ciente o tempo todo e pode observar que durante o procedimento ele chegou muito perto de morrer. Imagino que isso se deva ao fato de que apesar do ajahn estar em samādhi, o sistema nervoso continuava presente e atuante e, por azar, justamente os dentes estão diretamente conectados a vários terminais nervosos (por isso mesmo sempre foram um dos alvos preferidos de torturadores por toda a história da humanidade). Talvez o choque no sistema nervoso tenha sido forte demais, e graças a seu mérito ele não morreu na hora como aconteceria com uma pessoa normal, mas ainda assim sofreu as sequelas que vieram mais tarde.

Existe uma tradução anterior em língua inglesa deste ensinamento sob o título "Why are we here?"

## Por que estamos aqui?

... prestigiar, prestar reverência, ter respeito pelos mestres, é algo muito auspicioso. Hoje, um grupo de monges, discípulos meus que foram morar e praticar em diversas localidades, já faziam vários anos que não se viam, mas acabam de se reencontrar. Esse ano eu não tenho muita força, não estou bem, minha saúde não está boa, por isso fugi para o topo dessa montanha para respirar ar puro por um ano. Então, vocês leigos, discípulos meus, vieram me visitar, mas eu não vou poder fazer jus à fé de vocês por completo porque minha voz já está se encerrando, não tenho mais fôlego, tenho muito pouco. Só isso já é auspicioso, vocês ainda conseguiram me ver sentado aqui, já está bom, daqui a pouco não vão mais ver - meu fôlego vai acabar, minha voz vai acabar.

Isso ocorre de acordo com a natureza dos sankhāras, tal como o Buddha ensinava "khaya-vayam", degeneração do corpo. Se degenera de que forma? Pode se comparar a um bloco de gelo, antes era água e a transformaram em um bloco, mas não demora alguns dias e ele se degenera. Pegue um bloco gigante de gelo e coloque sob o sol, assim vai ver a degeneração do bloco de gelo. É como esse corpo. Não demora muito o gelo que era um bloco vai se degenerando pouco a pouco, em poucos minutos, em poucas horas, o bloco de gelo se acaba, derrete e vira água. Isso é "khaya-vayam". O fim, a degeneração de todos os sankhāras vem acontecendo há muito tempo, desde o começo do mundo. Desde que nascemos recebemos isso junto, não conseguimos jogar fora. Recebemos a velhice, nascemos e recebemos junto a velhice, recebemos a doença e a morte. Então o Buddha dizia "khaya-vayam", tudo se acaba, se degenera. Estamos sentados nesse salão, tanto os monges e noviços, tanto os leigos e leigas, todos nos degeneramos, como um bloco de gelo. Não é gelo, na verdade é água que vira gelo e então se degenera.

Enxerga a degeneração? Olhe os sintomas da degeneração, todas as partes do nosso corpo se degeneram. O cabelo se degenera, os pelos se degeneram, as unhas se degeneram a pele se degenera, tudo se degenera. Todos vocês, quando nasceram não eram assim, não é? Deviam ser pequeninos desse jeito, então cresceram e se desenvolveram e agora irão se degenerar de acordo com a natureza. Se degenerarão como um bloco de gelo, aos poucos vai se degenerando até acabar o gelo e só sobrar água. Todos nós somos iguais, temos terra, água, fogo e ar. Quando compomos

um corpo com terra, água, fogo e ar, chamamos de "pessoa". No começo não era nada demais, mas agora se chama pessoa. Ficamos felizes pensando "Sou uma pessoa! Sou um homem! Sou uma mulher!", inventam um nome "Senhor X, Senhora Y" de acordo com os costumes, para poder chamar utilizando linguagem, fácil lembrar, fácil de usar. Mas na verdade não pegamos nada demais, pegamos um pouco de terra, um pouco de água, misturamos com ar e moldamos na forma de um corpo. O que é material se chama "rūpa", o que não é se chama "nāma", unidos são uma "pessoa".

Não se empolguem, se olhar com atenção vai ver que não tem pessoa alguma ali. Uma parte é água, uma é ar, uma é fogo, aquilo que é duro, a carne, a pele, os ossos, todas essas coisas, são terra. A característica líquida no nosso corpo é a água. A característica de calor no nosso corpo é o fogo. Terra, água e fogo. A característica que sopra com ar nesse corpo, sopra para parte de cima, sopra para parte de baixo, chama-se "ar". Misturamos essas quatro coisas e chamamos de "pessoa", e "pessoa" nós ainda dividimos em "mulher" e "homem". Isso é um símbolo, de acordo com nossas convenções, mas em Wat Pah Pong tem um que não é mulher ou homem, é um gênero neutro, não é fêmea, não é macho, é um cadáver do qual removeram a carne e a pele, e só sobrou o esqueleto que está pendurado<sup>1</sup>. Quem for ver não consegue dizer se é homem ou mulher, todos perguntam "Isso é mulher?", um olha para cara do outro sem saber. Só há o esqueleto, removeram o resto e só sobrou o esqueleto. Tirando a carne e a pele sobra o esqueleto, então não sabemos qual o sexo.

Todos que vão a Wat Pah Pong, quando entram no salão veem o esqueleto. Algumas pessoas não conseguem olhar, saem correndo do salão com medo. Medo, medo de si mesmo. Dá para notarmos que essa pessoa nunca olhou para si mesma. Nunca olhou. Tem medo dos ossos, mas nunca pensou no valor dos ossos, andamos de casa até aqui ou viemos de carro, se não tivéssemos ossos, como ia ser? Íamos conseguir ir e vir? Quando chegam em Wat Pah Pong eles saem do carro e veem o esqueleto ficam com medo e saem correndo para fora do salão com medo do esqueleto. Nota-se que é uma pessoa que nunca viu, nasceu junto com isso mas nunca viu. Dorme sobre o mesmo colchão, mas nunca viu, nunca viu seu esqueleto. Isso mostra que somos muito ignorantes, não enxergamos. Estando já velho, 50 anos, 60 anos, 70 anos, vêm até Wat Pah Pong, veem o esqueleto e ficam com medo. Que é isso? Mostra que não têm intimidade, não conhece a si mesmo. Volta para casa e não consegue dormir três, quatro dias, mas ainda deita com um esqueleto, não é de outra forma. Vestem a mesma roupa, fazem tudo juntos, sentam e comem juntos, mas diz ter medo! Mostra que estamos muito distantes de nós mesmos. Dá pena, só gostam de olhar outras coisas, só olham as árvores e outras coisas "Aquilo é grande, aquilo é pequeno, aquilo é curto, aquilo é comprido." Só olham outras coisas fora do seu corpo, nunca olhou para si mesmo. Se falarmos de forma direta, dá até pena.

Portanto, falta fundação às pessoas, falta a fundação que nunca viram. Quando eu ordeno os noviços eu digo "Kesā, Lomā, Nakhā, Dantā, Taco". Os universitários devem rir e pensar "Ei! Que é isso que o Ajahn veio ensinar!? Vem ensinar sobre cabelo que eu já tenho? Não precisa, já conheço. Vem me ensinar sobre o que eu já sei. Todo mundo conhece isso." Pensam assim. "Ensinar para quê? Não vale nada. Desde que nasci já sei que tenho cabelo." As pessoas que têm a visão muito obscurecida pensam assim. Pensam que já viram cabelo. Eu digo que "ver cabelo" significa ver de acordo com a verdade, ver os pelos de acordo com a verdade, ver as unhas, os dentes, a pele de acordo com a verdade, isso é o que se chama "ver". Não é ver só a superfície. Como é ver de acordo com a verdade? Não estaríamos obcecados com esse mundo se enxergássemos de acordo com a verdade.

Cabelo, pelos, unhas, dentes e pele - como são? De acordo com a verdade, como eles são? São coisas belas? São coisas limpas? Possuem verdadeira substância? Não. Não têm nada. São permanentes? Mas nós entendemos que algo que não é belo é na verdade belo. O que não é verdadeiro, pensamos que é verdadeiro. Kesā, Lomā, Nakhā, Dantā, Taco - cabelo, pelos, pele... Nos prendemos aqui, o Buddha então apontou essas cinco coisas como prática-raiz. Ensinou para que soubéssemos que essas cinco coisas são anicca, dukkha, anatta. Não são "eu", não são "meu",

---

1 O esqueleto foi recomposto com arame e pendurado na parede para que as pessoas pudessem usar para contemplação.

não são "eles". Nascemos porque nos encantamos por isso, mas isso é algo sujo. Experimente não tomar banho por dois dias, vão conseguir ficar perto um do outro? Fede! Fede por completo. Se estivermos sentados trabalhando e suando juntos, como é? Fede. Volta para casa e toma banho, usa sabão para remover o fedor, diminui um pouco e passamos a cheirar a sabão, mas a causa do fedor continua ali como sempre, apenas não se manifestou ainda. O cheiro de sabão esconde, mas quando passa o cheiro de sabão, volta a feder como antes.

Nós costumamos ver os corpos que estão sentados aqui sendo bonitos, belos, agradáveis, não envelhecem, não adoecem, não morrem. Nos encantamos por esse mundo e então não sabemos refugiarmos em nós mesmos. Nosso verdadeiro refúgio é nossa mente. Se olharmos nosso corpo veremos isso claramente, esse salão é grande mas não serve de refúgio, é um abrigo temporário. Nossa mente é o verdadeiro refúgio, de acordo com a verdade. Esse salão é abrigo para pombos, é abrigo para lagartos, é abrigo para lagartixas, todos vêm se abrigar aqui. Pensamos que é nosso mas não é, vivemos todos juntos, os ratos vêm viver junto, todo tipo de animais. Isso se chama "abrigo temporário", daqui a pouco vai embora. Daqui a pouco vamos embora daqui, mas pensamos que aqui é nosso refúgio. Quem tem casa pequena sofre pois a casa é pequena, entende assim. Se tem uma casa grande sofre pois não aguenta varrer tudo, de manhã reclama, à tarde reclama, as pessoas deixam as coisas jogadas, ninguém ajuda a guardar, as grã-finas ficam histéricas. Quem ganha na loteria tem medo, sofre.

Por isso o Buddha ensinou a procurar um refúgio, ou seja, procurar sua própria mente. Nossa mente é algo importante, em geral não olhamos para aquilo que é importante, olhamos para outras coisas que não são importantes, fazemos coisas sem importância ficarem importantes. Varremos nossa casa porque queremos limpeza, lavamos os pratos porque queremos limpeza, fazemos tudo por limpeza, mas nunca limpamos nossa própria mente. Lavamos os pratos e copos para ficarem limpos, mas nossa mente está podre. Às vezes fica vermelho de raiva, isso é porque só se preocupa em limpar os pratos, não importa o quão suja esteja a mente, ainda não se interessa em olhar. Isso é não ter refúgio. Só nos preocupamos com nossos abrigos, enfeitamos a casa de todo jeito para ficar bonita, mas nossa mente não enfeitamos. Sofrimento - não olhamos para ele. Essa mente é o que é importante, o Buddha dizia para buscar um refúgio mental. "Attano codayattānam", seja seu próprio refúgio. Que outra pessoa poderia ser nosso refúgio? O único refúgio que é garantido é nossa mente. Não há outro. É possível nos apoiar em outras coisas, mas não é garantido. Mas para poder se apoiar em outras coisas, temos que ter um refúgio em nós mesmo antes. Podemos ter um bom apoio nos mestres, nos familiares, nos amigos, se antes fizemos de nós mesmos um refúgio, e então vamos nos apoiar nos outros.

Portanto, hoje que vocês vieram prestar reverência, tanto os leigos como os monges, peço que levem esse ensinamento e reflitam a respeito. Todos devemos sempre refletir "Quem sou eu? Por que nasci?" Pergunte, pergunte com frequência a si mesmo "Por que eu nasci?" Pergunte com frequência. As pessoas não sabem mas ainda querem felicidade, mas o sofrimento da mente não vai embora. O rico sofre, o pobre sofre, as crianças sofrem, os adultos sofrem, todos sofrem. Por que? Porque falta sabedoria. Falta sabedoria. Se é pobre sofre por ser pobre, se é rico sofre por ser muito rico, muitas posses para cuidar sozinho. Antigamente, eu era noviço e dei um ensinamento para os leigos ouvirem, meu professor me mandou ensinar. Falei sobre a fortuna dos ricos, nascemos e queremos ser ricos. Queremos ter 100 escravos, 100 mulheres, 100 homens, 100 elefantes, 100 vacas, 100 búfalos, tudo às centenas. Os leigos ouviram e gostaram. "E cuidar de 100 vacas, vocês querem? 100 búfalos, 100 vacas, 100 escravas, 100 escravos, para vocês tomarem conta sozinhos, querem?" Isso ninguém pensa, mas o desejo quer ter 100 vacas, 100 búfalos, 100 elefantes, 100 cavalos, tudo às centenas, ouvem e ficam felizes, acham que ia ser bom. Eu digo que 50 já chegam. Só cuidar da corda de amarrar todos esses bichos já é um fardo enorme. Isso vocês não pensam, pensam só em adquirir, não pensam na dificuldade, não pensam nas complicações.

Tudo que possuímos, se não tivermos sabedoria, nos levarão ao sofrimento. Se tiver sabedoria, nos leva para fora do sofrimento. Olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente: esses olhos não são coisa boa se a mente não for boa. É só olhar uma certa pessoa e começa a odiá-la, não consegue dormir. Olha uma outra pessoa e a ama, ama e novamente sofre pois não a tem, então

sofre. Odeia e sofre, ama e sofre porque quer obter aquilo. Quer obter e sofre, não quer obter e sofre. Quer jogar fora aquilo que não gosta. Quando obtemos algo que não queríamos, sofremos. Quando obtemos o que queríamos, não queremos que vá embora, é sofrimento. Não sei onde vamos nos esconder. Com uma casa enorme deste tamanho achamos que vamos ter bem-estar, mas não é possível guardar bem-estar ali dentro. Se pensarmos mal, não vai ser possível.

Portanto, vocês leigos olhem para si e perguntem "Por que nasci? Consegui algo de valor nessa vida?" Uma vez reuni um grupo de velhos, de 80 anos para cima, vivi um período de tempo com um grupo de velhos. Reuni um grupo de velhos da roça, do interior, trabalham há muito tempo. Nasceram e aos 17, 18 anos se apressaram em casar por medo de não ficarem ricos. Trabalham desde pequeninos para poder ficar rico e alguns continuam trabalhando até os 80 anos, alguns 90 anos, 70 anos. Quando eles vieram ouvir o Dhamma eu perguntei: "Vocês vão conseguir levar algo dessa vida? Vocês vêm trabalhando desde que nasceram, no final, na hora de ir embora, vocês vão levar algo consigo? Quem acha que vai conseguir levar algo?" Ninguém respondeu. "Alguém vai conseguir levar algo?", ninguém sabe dizer, dizem apenas "pois é, pois é..." Como costumam dizer "passa o dia comendo amoras". O tempo vai passando por causa deste "pois é" - não anda para frente, não volta para trás, fica só no "pois é, pois é..." sentado ao pé da árvore, não vai a lugar algum.

Quando fica velho é ainda mais difícil. Foi deixando o tempo passar desde quando era jovem. Os filhos nascem, são pequenos e pensamos... No começo vivíamos sozinhos e não gostávamos, "Se eu arrumar uma esposa, não vai ser bom?", então procura uma esposa para poder ficar bem. Quando coloca duas pessoas diferentes morando juntas, começam as brigas. Viver sozinho é muito quieto, não é bom, aí pega duas pessoas para viver juntas e começam as brigas. Quando os filhos nascem, são pequeninos, o pai e a mãe pensam "Hum, quando ele crescer vamos ficar tranquilos", e vão cuidando, aí aparecem três filhos, quatro, cinco filhos... Pensam que quando eles crescerem vão ficar tranquilos, mas quando eles crescem fica ainda pior, como carregar uma tora de madeira, uma tora é pequena, a outra é grande, joga fora a pequena e pega a grande achando que vai ficar mais leve. Sem noção a esse ponto! Pega a tora grande e fica ainda mais pesado, é óbvio.

Nosso filho cresce a certo ponto, mas crianças pequenas não incomodam tanto assim, eles só pedem comida e mamadeira, quando crescem, pedem motocicleta, pedem carro. O amor pelos filhos não deixa recusar, então tem que procurar dinheiro para comprar, quanto mais pobre, mais sofrimento. A mãe vê algo bom e quer comprar e acabam passando dificuldades, têm medo de que o dinheiro acabe e passem fome. Se não der o que ele pede, sofre, porque é o filho amado. Às vezes o pai e a mãe brigam, "Não compre o carro, ainda não temos dinheiro!", então o amor ao filho obriga a pedir dinheiro emprestado. Em seguida vem os estudos e pensam "Quando ele terminar os estudos, vamos ficar tranquilos." Estudar não possui fim! Como poderia acabar se está estudando algo que não tem fim? Como poderia acabar? Não há fim nos estudos, isso não existe, mas o estudo da "ciência do Buddha" tem um fim. Ciências externas não acabam nunca, continuam estudando, estudando, nunca acabam. Resultado final: só confusão. Morrem antes dos cinco filhos conseguirem terminar os estudos. O pai e a mãe brigam todo dia sem falta, é assim. Esse sofrimento surge no futuro e não conseguimos prever. Não pensamos que ia ser assim mas quando chega o dia, vemos "Oh... agora vejo que é sofrimento." Esse sofrimento é difícil prevermos, sofrimento que vem de nós mesmos.

Falando como as pessoas da roça, ôôê, na época em que era garoto e cuidava das vacas, pegava carvão e usava para limpar os dentes, para que ficassem brancos. Quando chegava em casa ia admirar no espelho como eles estavam brancos. Me encantava com meus próprios ossos, que burrice! Foi só chegar aos 50, 60 anos e os dentes começaram a ficar frouxos. Ôôê, pronto! Quando comia, as lágrimas rolavam, doía como se estivesse levando cotoveladas, joelhadas o tempo todo. Machucava, doía, sofria, era difícil, desconfortável. Eu passei por isso, então mandei tirar todos os dentes, agora uso dentadura. Estavam frouxos e era desconfortável, então mandei tirar todos os 16 dentes de uma vez. O médico não tinha coragem de tirar 16 dentes, eu disse "Pode tirar! Se eu morrer é responsabilidade minha, pode tirar todos os 16 dentes." Tirei de uma só vez. Alguns

ainda estavam bons, uns 5 dentes ainda estavam firmes. Mas depois veio com força total, após ter removido os dentes não consegui comer por dois ou três dias por causa do sangramento. Sofrimento. Eu pensei "Ôôôe, quando cuidava das vacas, esfregava com carvão, gostava muito dos meus dentes. Pensava que eram coisa boa, mas no final eles foram embora e eu quase morri." Tive dor de dentes por vários meses, vários anos, às vezes inchava tanto a parte de cima como a parte de baixo, por isso mandei remover todos.

Isso todo mundo deve experimentar. As pessoas cujos dentes ainda não estão frouxos escovam os dentes para que fiquem limpos e bonitos - tomem cuidado! Tomem cuidado, porque no fim eles vão nos castigar. Os dentes que são longos e os que são curtos, invertem de posição desse jeito. Muito sofrimento, isso é muito sofrimento. Isso estou avisando antes de chegar a vez de vocês. Sofremos por causa deste corpo, esse é nosso corpo. Não há refúgio nisso, ainda não é tão ruim quando somos jovens, mas quando envelhecemos, começa a cair aos pedaços, como é a natureza dos sankhāras. Se chorarmos, eles continuam sendo assim, se ficarmos felizes ou o que seja, eles continuam sendo assim. Se tivermos dor, mesmo se estivermos a ponto de morrer, eles continuam sendo daquele jeito porque é assim que eles são. Não há ciência que resolva. Pega um dentista para cuidar dos dentes, ele resolve o problema e a dor passa, mas em seguida o dentista vai ter o mesmo problema que nós, também não vai aguentar a dor.

Todas as coisas têm que quebrar. Precisamos refletir sobre isso e nos apressar, agora que ainda temos força, temos que nos apressar a fazer mérito, caridade ou o que seja, se apresse e faça. Mas em geral deixamos para fazer depois que envelhecemos, no que diz respeito a ir ao monastério e estudar o Dhamma: "Humm, deixe eu ficar velho primeiro!" Tanto as mulheres como os homens, "Deixa ficar velho primeiro!", não sei o que vocês pensam, gente velha têm energia? Experimente disputar uma corrida com um jovem! Para quê vai deixar para quando ficar velho, como se não fosse morrer? Chega aos 50, 60 anos e resolve ouvir o Dhamma, mas já está ruim dos ouvidos. Está ruim dos ouvidos, memória não funciona, não consegue sentar ereto.

"Vovó, vai ao monastério?"

"Meus ouvidos não funcionam."

Mas quando os ouvidos ainda estavam bons, o que foi ouvir? "Pois é, pois é..." fica lá comendo amoras. Quando os ouvidos já estão surdos vai ao monastério, mas já é tarde, senta e ouve o sermão mas não sabe do que eles estão falando, fica "boiando". Esperam acabar antes de ir fazer. Por isso, hoje deve ter sido útil para aqueles que estão interessados. Algumas coisas devemos guardar em nossos corações, todas essas coisas são nossa herança, está em todos nós aqui, tanto os monges, como os noviços, leigo e leigas. Isso se reúne para carregarmos. Olhe as pernas, antigamente corríamos, mas hoje em dia, para a minha perna, até andar já é difícil. Antes esse corpo nos carregava, mas agora somos nós que o carregamos. Quando levantamos falamos "Ôôôô". Quando eu era criança, eu olhava os velhos: gente velha, quando levanta, fala "ôe", quando senta, "ôe", e ainda não desistem! Sentam e "ôe", levantam e "ôe", é só "ôe", não sabem o que os está torturando, só tem "ôe, ôe"! Sofremos a esse ponto e ainda não vemos a desvantagem disso, assim nunca vai chegar o dia em que vamos escapar disso. Se estiver doendo, é o corpo agindo da forma normal dele. As pessoas dizem "Isso é artrite, reumatismo, gota, etc.", então vão ao médico e ele dá um remédio mas não resolve. No final mesmo o médico fica doente, não consegue evitar. Os sankhāras se degeneram de acordo com a natureza deles, eles são desse jeito, essa é a natureza deles. Portanto, todos os irmãos e irmãs, vejam bem isso. Se ver, não vai sofrer. Como uma cobra venenosa, ela vem rastejando, se a vemos, fugimos. Ela não nos pica porque a vemos, tomamos cuidado. Se não vermos, continuamos andando, pisamos nela e ela pica. Os sankhāras se degeneram, então nos preparamos, buscamos um refúgio, nos preparamos. É assim.

Vir ao monastério só é útil se tivermos sabedoria, caso contrário não tem utilidade. Botam os filhos na caçamba do caminhão e vêm gritar no monastério, "Êêêêêê". É assim, vêm brincar, vêm passear à toa. Desde criança, só brincam. Sabem fazer doações, mas não praticam (o Dhamma), ainda não conseguem sentar em meditação, não conseguem. Mesmo fazer reverência, fazer pūja, "Ôôôôe, dói as costas, dói a cintura, não aguento.", um grupo está recitando a pūja e o outro fumando cigarro ao lado do templo. Ficam lá fumando cigarro. Quando formos a um monastério,

quando estiver ocorrendo a pūja, devemos fazer junto. Pelo menos recite "Araham sammā-sambuddho bhagavā". Não vejo fazerem, não gostam de praticar, mas gostam de fazer oferendas, gostam de trazer comida para oferecer aos monges, fica só nisso.

Meus discípulos estrangeiros dizem "Ôôô, os tailandeses gostam de fazer oferendas, mas não gostam de praticar." Eu ouço e concordo. Quando fui ao exterior era assim: pegavam uma almofada, 30, 40 pessoas, e sentavam em meditação logo de vez. Nem precisa falar sobre sīla com eles, eles não conhecem. E o que eles sabem? Sabem apenas que a mente está queimando. Meu método para difundir o Sāsana no exterior é só ensinar a pacificar a mente, em seguida eles vão aprendendo o resto. Mas nós aqui não procuramos paz, só procurarmos o que comer. Em casa comemos, e vamos ao monastério para comer. Prato após prato, encham a barriga e vão embora quando acaba. Então eles dizem "tailandeses gostam de fazer oferendas, mas não gostam de praticar". Sentam em meditação e antes de completar um minuto já estão com medo da dor, não gostam mesmo, não se esforçam, então vão embora. Sempre foi assim, não conhecem.

Quando surge o sofrimento, não sabem para quem reclamar, como resolver aquele sofrimento. Simplesmente não querem que haja sofrimento, mas não conhecem o caminho para resolver aquilo, então vão ficando, ficando, até a velhice, estando velhos, adoecem e então morrem. Um costume antigo diz que quando alguém estiver doente e a ponto de morrer, devemos ir perto do ouvido do velho e sussurrar "buddho, buddho, buddho". O que eles vão querer com esse "buddho"! Uma pessoa deitada numa fogueira não quer saber de "buddho" nenhum. Na época em que ainda era moço, era moça, idade jovem, por que não estudou "buddho"? A respiração já está quase parando e lá vem: "Mãe, mãe - buddho, buddho!" Vai matar a velha é de irritação! Vai falar para quê? Só vai deixá-la mais cansada. Não precisa falar, ela já tem vários assuntos para se preocupar. Vocês só gostam de coisa fácil, só do começo e do fim, do meio vocês não gostam. Gostam desse jeito, todos nós aqui, tanto os monges e noviços, leigos e leigas, são iguais, gostam desse jeito. Não sabem resolver os problemas dentro de suas próprias mentes, não sabem onde fica o refúgio, então fica com raiva fácil, depois fica com muitos desejos. Por que? Porque não têm refúgio na mente.

Vivendo em família 20 anos, 30 anos, 40 anos, ainda estão bem, o dono de casa e a dona de casa ainda se entendem. De 50 anos para cima, já não se entendem mais, sentam um de costas para o outro. A esposa fala e o marido não aguenta ouvir. O marido fala e a esposa não aguenta ouvir. Brigam e viram as costas um para o outro. O filho toma partido de um, a filha toma partido do outro e há uma rixa. Isso eu só estou falando, nunca tive família. Por que nunca tive família? Só ler a palavra "króp kua"<sup>2</sup> e já entendi o que esse "króp" significa. "Króp" é estarmos sentados aqui e usar algo para cobrir desse jeito. Se estamos sentados aqui sem nada nos cobrindo, ainda não tem problema, se sentamos e algo vem nos cobrir desse jeito, como vai ser? "Króp" é assim, é um espaço limitado. O homem fica num espaço limitado, a mulher fica num espaço limitado. Eu li "króp kua" e pensei "Oh, pesado, é uma palavra de morte, não é uma palavra de brincadeira. 'Króp' é uma palavra de sofrimento." Não há liberdade, vive num espaço limitado. E depois de "króp" vem "kua".

"Kua" significa aborrecer, incomodar. As mulheres já foram na cozinha? Já pilaram pimenta, já secaram pimenta? A casa inteira espirra e tosse, tremenda confusão. Não é um lugar agradável. Essas palavras só criam confusão. Isso é a palavra "króp kua". Foi graças a essas duas palavras que me ordenei e não desisti da vida monástica. "Króp kua" - dá medo, é uma prisão, é estar coberto com algo, é difícil ir a qualquer lugar. "Kua" significa se incomodar com filhos, com dinheiro, com casa, todo tipo de coisa incomodando. Não sabe para onde fugir, já está amarrada. Já tem filho, filha, não pode ir embora, então vive na confusão. Sentam e brigam até a morte, não vão a lugar algum. Não importa o quanto magoe, as lágrimas rolam mas continuam daquele jeito. Em uma família não existe fim para as lágrimas. Se não tiver família, ainda é possível acabarem as lágrimas, se tiver família, é difícil acabarem as lágrimas, não conseguem acabar. Olhem, há lágrimas na vida de vocês? Jorram constantemente, são espremidas para fora como quando espremem caldo de cana. O olho estava seco, mas espremem até as lágrimas começarem a sair, sem

---

2 A palavra "família" em tailandês é o composto "króp kua" (ครอบครัว). "ครอบครัว" significa "cobrir, envolver", e "ครัว" significa "cozinha", e o composto "ครอบครัว" significa "família".

saber de onde vêm. Magoa, oprime, todo tipo de coisa, é sofrimento, reunindo esse sofrimento surge "suco de sofrimento"<sup>3</sup>.

Vocês leigos entendam isso. Se ainda não passaram por isso, vão passar no futuro. Algumas pessoas já viram um pouco, algumas pessoas já viram muito, a ponto de não saber se ficam ou se vão. Uma discípula veio me procurar:

"Luang Pó, se eu não tivesse filhos eu já tinha ido embora!"

"Ei, não vá a lugar algum, crie os filhos até eles crescerem. Fique cuidando deles."

Ela queria ir embora. A coisa chega a esse ponto e ainda não consegue escapar. Aqui em Wat Pah Pong, construímos pequenas cabanas, 70, 80 cabanas. Às vezes todas estão ocupadas por monges, mas sobram uma ou duas vazias, eu pergunto:

"Sobrou alguma cabana?"

"Sobraram duas ou três."

"Então guarde, às vezes o marido e a esposa brigam e eles vêm dormir no monastério."

Não demora e vem uma, vem uma mulher carregando sua trouxa:

"De onde você vem?"

"Vim prestar reverência. Eu estou cansada do mundo."

"Oh, não me diga, que medo!"

Depois vem um homem:

"Estou cansado do mundo."

"Pois é, aguente!"

Eles ficam dois ou três dias e some o cansaço, aí desaparecem! Portanto eu não me envolvo mais na confusão desse mundo, já conheço do começo ao fim, por isso vivo desse jeito. A mulher vem e diz que está cansada do mundo - mente para si mesma. O homem vem e diz que está cansado do mundo - mente para si mesmo. Não tem cansaço algum. Quando sentam na cabana pensam "Quando a patroa virá pedir para eu voltar para casa?", "Quando meu marido virá pedir para voltar para casa?" Não vejo cansaço nenhum, eles ficam é com raiva e então se sentem cansados, depois voltam para o mesmo lugar. Eles vêm praticar meditação... Quando estavam em casa achavam que quem estava errado era o outro - a culpa é dele, a culpa é dela. Após três dias meditando: "Oh, a patroa está certa, eu estou errado.", "Meu marido está certo, eu estou errada." Muda de opinião sozinho, vai indo desse jeito. A verdade é assim. Essa é a minha verdade, como é a de vocês eu não sei.

Não tem um só instante em que haja bem-estar, pode olhar. Na verdade, essa família que levamos para casa é algo assustador. É algo assustador! Se temos filhos, quando são crianças ainda podemos dar ordens, mas quando crescem temos vergonha de dar bronca por causa dos vizinhos, falamos de mansinho, queremos falar mas desistimos, passa um mês e já não tem mais coragem de falar, não consegue dar bronca, tem vergonha. É desse jeito, fica machucando e doendo, oprime e magoa, e que se pode fazer? Filhos são assim mesmo, se caiu numa família, é assim. Entenderam? Hoje eu deixo como lição de casa, vá praticar em casa, pratique de tempos em tempos. De tempos em tempos contemplem isso, quando estiverem trabalhando na roça ou em casa, reflitam sobre a pergunta que eu fiz: "Por que eu nasci?" Em resumo "Por que nasci? Vou levar algo daqui?" Pergunte frequentemente, quem perguntar com frequência vai ficar sábio, quem não perguntar isso a si mesmo, vai continuar ignorante. Entenderam?

Bom, por hoje é só. Estou falando e várias pessoas já estão cansadas, moram longe. Sentar por muito tempo cansa. Esse corpo, tanto os velhos como os jovens, devem contemplar, guardem o que deve ser contemplado e joguem fora o resto. Cuidado com "króp krua", essas duas palavras, "króp" é uma, "krua" é outra, essas duas palavras nos esmagam até a morte, cuidado! Não são palavras de diversão, são palavras de sofrimento. Estar envolto é apertado, é estar num espaço limitado. Quando estamos envoltos, conseguem nos espetar com facilidade. É fácil de ver se olhar assim, não precisa muito. Esse é um dito fora das escrituras. Está fora do Tipitaka, mas está no Tipitaka, só que as pessoas não enxergam. Abrem o Tipitaka e não veem, abrem as escrituras e não veem. Esse é um dito meu, da tradição da floresta. "Króp krua" - "króp" significa espaço limitado,

"krua" significa incomodar.

Levem isso consigo e pensem a respeito. Lembrem-se, todos vocês. Talvez vocês que estão ouvindo o Dhamma aqui, vão encontrar isso quando chegarem em casa hoje. Talvez encontrem ainda hoje, não demora muito, ocorre todo dia. Se temos sati, está lá nos esperando. Às vezes estamos ouvindo o Dhamma aqui e está tudo quieto, está esperando no carro, subimos no carro e ele entra junto. Chega em casa e os sintomas se manifestam: "Oh, é como o Luang Pó disse, ele deve ter razão!" Se os olhos não estiverem bons, não enxerga. Tem que olhar com os olhos da mente, os olhos do corpo não enxergam. Todos levem isso para contemplar até entender. Um elefante tem tromba, presas, pernas, rabo, várias coisas. Não dá para pegar a perna e dizer "Isso é o elefante." Não dá para pegar o rabo e dizer "Isso é o elefante." O elefante é tudo aquilo. Entendem? Isso é a lição de casa de vocês, mulheres e homens. Estudem pois vivemos em meio a essas coisas. Vai ver ainda nessa vida, talvez enxergue quando chegar em casa. Talvez encontremos quando chegarmos em casa hoje. Se não muito, então pouco. Hum... chega.